

Negócios solidários são opção de crescimento

Pág. 6



Foto:Thais Gobbo

ENTREVISTA

Faculdade: conheça duas histórias de sucesso

Págs. 10 e 11

"É NÓIS!"

Odomodê tem vagas abertas em cursos gratuitos

Pág. 3

Força de vontade vira exemplo e rende prêmio nacional

Pág. 4

"É NOIS"

Colunista debate os desafios da juventude negra

Pág. 5

NOSSA AÇÃO POLÍTICA

Afinal de contas, por que acabou a Rede Cultura Jovem?

Págs. 8 e 9

ESPECIAL

Novo projeto da Varal chama atenção para a laje

Pág. 12

NOSSO BOLSO

Economista de renome mundial visita o Banco Bem

Pág. 7

"A Economia Solidária é uma forma de se organizar em grupos, em empreendimentos, que são de posse dos trabalhadores. Não tem assalariado e nem quem manda, porque todos os trabalhadores são iguais entre si."

Paul Singer



Foto:Valmir Dantas

EDITORIAL

Mais uma edição. Colocar, de tempos em tempos, um jornal na rua, tratando de assuntos definidos por quem vive no Território do Bem, é um Trabalho com T maiúsculo, porque reúne muitos desafios. A definição das pautas, o processo de apuração, a marcação dos horários das entrevistas, as entrevistas, a escrita dos textos, a (re)escrita dos textos, a editoração, a (re)editoração, as revisões, os acertos finais, a impressão e a distribuição. É muita coisa! Não por acaso, quando o jornal fica pronto e chega impresso à nossa mão, dá uma vontade danada de abraçá-lo bem forte. Só não o fazemos porque amassa. E o nosso exemplar a gente guarda com muito carinho.

Grande parte das histórias desta edição combinam demais com o Calango Notícias. Vamos falar de força de vontade e determinação para crescer na vida e realizar sonhos, a vida de um punhado de gente que enche o nosso território de orgulho. São as nossas personalidades anônimas, gente lutadora, que divide aqui as escolhas que fizeram no passado, que garantem sucesso hoje e que apontam para um futuro melhor do que imaginavam.

Outro assunto tratado é a Economia Solidária. Uma conversa com um economista de renome mundial vai apresentar o conceito dessa forma de se organizar em grupo. Paul Singer define a economia solidária como uma economia que, paralela ao capitalismo, apresenta-se “totalmente diferente, democrática e igualitária”.

Por fim, a Varal está com um projeto novo. Vamos valorizar a nossa laje? Não deixe de ler a matéria que fecha essa edição.

Boa leitura!

EXPEDIENTE

Realização



Apoio



Diretora - Presidente do Ateliê de Ideias
Leonora Mol

Coordenação - Varal Agência de Comunicação
Ponto de Cultura Agência de Comunicação do Território do Bem
Geisiane Teixeira

Assessoria de comunicação e marketing
Rummos Assessoria e Pesquisa e Avaliação

Logomarca
Sóter França, Aristide Kadio, Cosme Santos, Jairo Santos, Jeferson Louis, Israel Souza, Thais Gobbo e Valmir Dantas

Editora
Geisiane Teixeira

Revisão de Texto
Carla Cristina Teixeira Santos

Repórteres
Brenda Schåde, Eduarda Santos, Geisiane Teixeira, Orion Flores Leal e Sheila Nogueira

Orientador de projeto gráfico
Hugo Cristo

Diagramação
Jeferson Louis

Ilustração
Sóter França Junior

Fale com a gente - Redação
Rua Daniel Abreu Machado, nº 165, Itararé, Vitória/ES
Sede da Varal Agência de Comunicação.
Telefone: 027 - 30226190

Chefia de reportagem
Geisiane Teixeira

E-mail
calangoreportagem@gmail.com

Facebook
www.facebook.com/calangonoticias

Para anunciar no Calango Notícias
E-mail: varalagencia@gmail.com
Telefone: 027 - 99223095

BASTIDORES

Janela da Alma
de Carlos Abelhão

Os pássaros anunciam o chegar do dia
A noite Dança
Seduz-me
Insiste em guardar memórias
Insiste em guardar sentimentos
Os pássaros param
O silêncio dita o Ritmo
Um casal na avenida me inspira
Bebo uma dose amarga de solidão
Uma dose amarga de tristeza
Paro, Penso, Reflito
Ufa! To Vivo
To bêbado
To louco
To escrevendo
To com saudade dos tempos de Ontem
Dos amigos que Perdi
Dos amigos que ganhei
Da vida que não vivi
Das poesias que não escrevi
Dos amores que Perdi
Em Fim
Vejo o tempo passar
E me contento com o CALOR de um dia Triste.



Lucas dos Santos participando da oficina de violão

“Eu participo das oficinas de violão e de letra e rima que são muito legais, me divirto e aprendo muito estando aqui”, contou.

Odomodê de portas abertas para a juventude

Em sede nova, no Bairro da Penha, o Núcleo Afro Odomodê quer ampliar o número de integrantes.

Brenda Schåde

Agenda do simpático adolescente Lucas dos Santos, de 16 anos, é carregada de vários compromissos diários. Ele tem estágio pela manhã, estuda à noite e à tarde participa das atividades que são oferecidas pelo Núcleo Afro Odomodê, um projeto que atende com exclusividade os jovens de 15 a 29 anos das comunidades de Vitória desde 2005.

“Eu participo das oficinas de violão e de letra e rima que são muito legais, me divirto e aprendo muito estando aqui”, contou.

Aqueles que desejam participar do grupo devem estar atentos: a nova sede fica no Bairro da Penha. O espaço do Odomodê fica aberto de segunda a sexta-feira, das 8h às 17h e lá são oferecidas oficinas gratuitas de penteado afro, dança, canto, poesia, percussão, violão, grafite e outras.

O projeto foi criado com o objetivo de preservar e incentivar a cultura negra e diminuir os efeitos causados pela discriminação e preconceitos racistas contra os negros, trabalha com uma equipe de educadores sociais que ministram oficinas buscando elevar a autoestima dos jovens,

incentivando o seu potencial com apoio moral, atividades dinâmicas e conselhos.

Provas reais de que esses objetivos são atingidos são as histórias de realização de jovens que frequentam o espaço e as oficinas oferecidas. Eles veem suas vidas mudarem, ingressam em universidades, tornam-se líderes e também empreendedores. “Eu sinto prazer em trabalhar no Odomodê! Como negra, poder ensinar esses jovens a sentir orgulho de suas raízes e vê-los alcançando seus sonhos é muito satisfatório”, ressalta a coordenadora do Odomodê, Gê Silva.

Além de promover atividades em sua sede, o Núcleo Afro Odomodê organiza intervenções nas ruas e praças das comunidades do Território do Bem com o “Odomodê tá na Rua” e o “Aulão de Dança na Pracinha de Itararé”. O evento realizado para divulgar o projeto reúne várias pessoas na pracinha de Itararé, em duas sextas-feiras de cada mês.

Essas intervenções acontecem em parceria com escolas e comunidades. A intenção é que as ações de igualdade racial do Odomodê não fiquem restritas somente aos participantes do local, mas que todos sejam beneficiados.

***Curiosidade:** A palavra *Odomodê* significa *jovem ou juventude* na língua Yorubá, uma das línguas nativas mais faladas na Nigéria depois do inglês, que é o idioma oficial.

PARTICIPE

O Núcleo Afro Odomodê já atendeu a mais de 200 jovens de 15 a 29 anos só neste ano. Para participar das oficinas oferecidas, basta ir à sede do Odomodê, que fica na Avenida Professor Hermínio Blackman, nº 1001, Bairro da Penha, no antigo material de construção do Chico, com identidade e comprovante de residência. Nos casos dos menores de 18 anos, é essencial a presença de um responsável. Para mais informações entre em contato com o Odomodê pelo número: 027 - 3235-2614

INSCRIÇÕES ABERTAS

Oficina de Penteado Afro

Turmas: segundas de 9h às 11h e de 14h às 16h.

Turmas: terças e quintas, de 14h às 17h.

Turma: sexta-feira de 9h às 11h.

Moradora de São Benedito ganha prêmio nacional

Geisiane Teixeira

Vencedora do Prêmio Citi Melhores Microempreendimentos 2013, na categoria R\$ 60 mil a R\$ 180 mil de faturamento anual, Cláudia Fabiana Rabelo Dantas, de 37 anos, começou sua carreira empreendedora vendendo lanches na pracinha de São Benedito. A intenção era complementar a renda da família. Com o sucesso do negócio, Cláudia e o esposo, Valmir Dantas, 41 anos, alugaram um imóvel e inauguraram a lanchonete "Guga Lanches". Com o passar dos anos, o casal resolveu servir marmitex na hora do almoço. Com o crescimento do comércio, o casal pegou um empréstimo no Banco Bem e viraram donos do seu próprio restaurante self-service. E os sonhos não param por aí.



Foto:Thais Gobbo

Cláudia Dantas, na laje onde está construindo seu restaurante.

“Com a chegada do nosso primeiro filho, Gustavo Henrique, em 1999, a renda da nossa família apertou. Daí meu esposo, Valmir, teve a ideia de montarmos aqui na pracinha de São Benedito uma barraquinha, nas sextas-feiras e sábados, para vendermos cachorro-quente, churrasquinho, feijão tropeiro e suco de laranja. Nesse meio tempo, minha avó estava construindo um ponto comercial em frente à pracinha, onde ficava a barraquinha. Como as vendas estavam indo bem, depois de quatro anos na pracinha, decidimos alugar o espaço da minha vó. Aí começamos a trabalhar não só nos fins de semana, mas também durante a semana. Além disso, aumentamos o cardápio, passando a servir outros lanches. Eu e o Valmir trabalhávamos durante o dia e à noite, quando ficávamos em nossa lanchonete "Guga Lanches".

Como o negócio estava dando certo, eu saí do meu serviço e decidi me dedicar somente à lanchonete. Passamos seis anos funcionando como lanchonete. Mas há quatro anos, os motoristas de ônibus que deixam os veículos estacionados no Ponto final da linha 031, em frente à lanchonete, começaram a sondar a possibilidade de eu servir almoço a eles. Resolvi atender o pedido. Lem-

bro como se fosse hoje, num fogãozinho de quatro bocas, fazia uma comida bem simples, mas fresquinha e quentinha. Do jeito que eles (motoristas) queriam.

Na medida que fui vendendo para os motoristas, a vizinhança foi me pedindo marmitex e eu vendendo. Pelo boca a boca, começou a aumentar a clientela de marmitex. Então essa mudança de servir lanche e passar a vender almoço foi bem espontânea, nada planejada, mas deu certo. Daí pra frente foi crescendo ainda mais o negócio. Peguei um empréstimo no Banco Bem, e comprei uma cuba para servir as refeições sempre quentinhas e um freezer para armazenar carnes e frios. A partir daquele momento, a atenção da população se voltou para o restaurante.

Passamos a vender marmitex e abrir como restaurante self-service. Hoje, nós vendemos cerca de 50 refeições por dia. Atendemos de segunda a sábado, com almoço e, a partir das 14 horas, servimos lanches. Há três anos, nós conseguimos

comprar o imóvel que antes era alugado. Aqui temos um espaço grande que dá para realizarmos o sonho de construir um restaurante com vista privilegiada para a nossa linda Vitória. Quero transformar esse espaço num ambiente confortável, aconchegante, bonito, onde as pessoas se sintam como se estivessem em um restaurante de bairro nobre.

O dinheiro do Prêmio Citi nos ajudará a realizar esse sonho. Só acreditei que tinha ganhado o prêmio no momento da entrega, em São Paulo, em que a minha história entre tantas foi escolhida. Isso é mais que motivador, foi o que me deu um empurrão. O dinheiro do prêmio será usado na ampliação do restaurante. Hoje estou metade realizada. Mas o melhor de tudo é que uma coisa que nunca tive e agora tenho é perspectiva. Perspectiva de uma vida melhor pra mim, para meu esposo e, principalmente, para o futuro dos meus filhos”.

Colunista



Eduarda dos Santos
calangoreportagem@gmail.com

Os desafios da juventude negra

Quando o assunto é juventude, seja nos meios de comunicações ou numa roda de conversa entre amigos, logo se pensa nas "problemáticas" em torno dessa fase. Uma das abordagens mais comuns gira em torno da violência, mais precisamente o número de homicídio contra jovens negros, moradores das periferias. Falta, além de constatar esse fato, entender o que pode estar por trás desses números.

São poucas as oportunidades de inclusão social e de promoção de valores como a igualdade. Eles, jovens negros, nascem muitas vezes em condições de conflito familiar e comunitário, na adolescência vivem a dificuldade de consumir grifes que acreditam lhes conferir status, ou de se reconhecerem no galã da novela, e não veem a escola como um meio de crescerem para além do contexto em que vivem. Escola, por exemplo, que ainda não conseguiu tirar do papel mudanças na grade curricular que aborde a história do país considerando as contribuições fundamentais dos negros. Dessa forma, são os jovens negros os mais expostos à violência, e vemos hoje um verdadeiro extermínio da juventude negra. É ela quem recebe os piores salários, superlotam os presídios, é maioria na lista dos não alfabetizados, dos desempregados e dos moradores em situação de rua.

Existem grupos como o Movimento Social Negro que vem denunciando e lutando em vários campos para tentar acabar com esse descaso com a população negra. Essa luta também contribuiu para que o racismo, a discriminação e o preconceito racial fossem reconhecidos como questões presentes na sociedade brasileira. Algumas das ações resultantes foram a Lei de Cotas, a Lei 12.711/12, e a Lei 10.639/03, que torna

obrigatório o ensino da cultura africana e afro-brasileira nas escolas públicas e particulares da rede municipal e estadual, que, juntas, buscam inserir, manter e valorizar os negros em sua totalidade, seja nas universidades ou em qualquer esfera pública ou privada.

Há projetos, como o Odomodê, localizado no Bairro da Penha, em Vitória, Espírito Santo, e outros movimentos sociais em todo o país e até bem próximos das nossas comunidades, tais como o Coletivo Negrada de estudantes, na Universidade Federal do Espírito Santo, representantes da cultura hip hop, a Central Única da Favela – Cufa, que oferecem atividades formativas a todos os grupos/pessoas de qualquer comunidade que tenham interesse. Além de apresentarem espaços onde eles poderão desenvolver outras atividades socio-educativas, contribuindo, com isso, para que haja uma representação do negro na dança, em debates, em espaços que valorizem a cultura negra.

Diante das lutas, tanto do movimento social negro quanto de militantes da causa que incentivam a valorização da cultura negra, e que buscam a equidade e a inserção dessa parte da população em todas as camadas da sociedade, nos deparamos com possibilidades de mudança de cenário para os jovens negros e principalmente para os moradores das periferias. As ações que fortalecem essa perspectiva continuam intensamente através de projetos que representam essa causa e que têm começado a estender suas ações nas redes sociais. Porém, mesmo com esses movimentos, falta priorizar políticas públicas já existentes e desenvolver outras, além de articulá-las de forma que proporcionem melhores condições a esses sujeitos.



- Abertura da conta
Caixa Fácil e Poupança

- Saques, depósitos,
saldos e extratos



- Recebimento de benefícios:
INSS;
Bolsa Família
PIS;
Seguro Desemprego

- Recebimentos:
Conta de telefone;
Água;
Luz;
Boleto Bancário;
Carnês

- Recarga da Vivo, Oi,
Claro, TIM.



Estes são os
Serviços Prestados pelo
Correspondente Bancário:



Banco Bem
Semeador de Potenciais Produtivos

Rua: Tenente Setubal, nº 93,
São Benedito, Vitória/ES.
CEP: 29.047.850
Tel: 3227 7235 / 98166 5352

Vidas recicladas em associações de catadores

Amariv, em Itararé, e Ascamare, em Goiabeiras, reciclam 100 toneladas por mês de materiais, ajudam a cuidar da cidade, colaboram com o meio ambiente e garantem nova perspectiva de vida para trabalhadores.

Geisiane Teixeira

Papel, plástico, alumínio, metal, vidro. O que parece material sem utilidade para alguns, tem grande valor para outros e pode ser reaproveitado, beneficiando o meio ambiente e gerando renda para milhares de famílias. Os catadores de material reciclado são os grandes protagonistas dessa iniciativa. Hoje, muitos se reúnem em cooperativas ou associações espalhadas por todo o país.

Em Vitória, há duas associações de catadores, a Associação dos Catadores de Materiais Recicláveis da Ilha de Vitória (Amariv), em Itararé, e a Associação dos Catadores de Materiais Recicláveis de Vitória (Ascamare), em Goiabeiras. Juntas, elas geram trabalho e renda para 47 catadores e direcionam 100 toneladas de material para reciclagem todo o mês.

A população também pode participar desse trabalho. Basta separar o lixo e entregar nos galpões das associações. O material doado pela população ou recolhido pela Coleta Seletiva da Prefeitura Municipal de Vitória (PMV), nas ruas e nos condomínios da capital, depois de passar por uma triagem, é reaproveitado e se torna matéria-prima para novos produtos ou matérias.

De acordo com a vice-presidente da Amariv, Maria Aparecida Miguel, de 49 anos, a associação recicla cerca de 50 toneladas de materiais por mês. “Quando o mate-

rial chega à associação, fazemos a separação do que pode ser reaproveitado. Depois vendemos para os atravessadores, que repassam às indústrias de reciclagem”, explica.

Atualmente, a Amariv opera com 25 associados, e a Ascamare com 22. Eles trabalham de segunda à sexta-feira, de 8h às 17h. Quanto mais materiais reciclados vendidos, maior o lucro arrecadado e distribuído. Se o associado não tiver nenhuma falta no mês, ele ganha em média R\$ 750.

PARCERIAS

A duas associações contam com a parceria da PMV, que fornece suporte técnico, como assistente social e auxiliar administrativo, distribuição de cesta básica mensal aos associados, equipamentos de proteção individual e uniforme, além de custear o pagamento do aluguel e das despesas administrativas das associações. Outro apoio que eles recebem é do Programa Mesa Brasil do Serviço Social do Comércio (Sesc-ES), que doa aos associados alimentos como verduras e legumes.

MUDANÇA DE VIDA

Há 10 anos, cansada de fazer faxina, Maria Aparecida Miguel juntou-se a uma amiga para catar papelão, na Vila Rubim, Centro da capital. Depois de três anos enfrentando sol e chuva nas ruas da cidade, decidiu ouvir os conselhos de outro amigo



Vice-presidente da Amariv, Maria Aparecida Miguel.

catador. Fez um curso de reciclagem e associou-se à Amariv. Aparecida lista as vantagens de fazer parte da associação e conta o que mudou na vida dela.

“Trabalhar na rua é mais difícil. Não tem hora de sair e nem de chegar. Aqui temos horário fixo, mais segurança, pagamos nosso INSS e todo o dia 10 o salário está na nossa mão. Quando comecei na associação, eu morava de aluguel. Em seguida, saí a inscrição do Minha Casa Minha Vida. Hoje, eu tenho minha casa própria”, explica.

Foto:Thais Gobbo

Catadores seguem as regras da Economia Solidária

A Associação dos Catadores de Materiais Recicláveis da Ilha de Vitória (Amariv) e a Associação dos Catadores de Materiais Recicláveis de Vitória (Ascamare) trabalham na filosofia da Economia Solidária. Isso significa que elas são de posse dos trabalhadores. Nesse sentido, todos os associados são iguais entre si. A tomada de decisões é em assembleia e cada trabalhador tem direito a um voto.

No Espírito Santo, existem 649 Empreendimentos Econômicos Solidários, segundo levantamento da Secretaria Nacional de Economia Solidária do Ministério

do Trabalho e Emprego nos anos de 2009 e 2010. Esses empreendimentos geram renda para cerca de 3.245 pessoas, no mínimo.

“Colocando numa média em que cada grupo tenha 5 pessoas e tendo 649 Empreendimentos de Economia Solidária no Estado, temos 3.245 pessoas beneficiadas por essas iniciativas. Número que pode ser superior com a entrada de novas pessoas nos grupos, nas associações, nas cooperativas, e que nós não identificamos ou não contabilizamos ainda”, explica a chefe da Sessão de Economia Solidária da Superintendência Regional do Trabalho e Emprego /ES, Rita Paiva.

SERVIÇO

Doe seu material Reciclado

Associação dos Catadores de Materiais Recicláveis da Ilha de Vitória (Amariv)

Endereço: Rua Dr. Arlindo Sodré, nº 686, Itararé, Vitória/ES
 Telefone: 27 - 33173366
 E-mail: amariv.vitoria@gmail.com

“Uma economia totalmente diferente”

A Economia Solidária envolve uma série de iniciativas que refletem outras formas de organização política, econômica e cultural. É uma maneira de produção, consumo e distribuição de riqueza baseada na valorização do ser humano e não do capital. Por meio dessa nova organização, os trabalhadores se unem para gerar e administrar um empreendimento, como associações ou cooperativas, nos quais os lucros são distribuídos de maneira igualitária. Para entender melhor esse conceito, o Calango Notícias conversou com o secretário Nacional de Economia Solidária do Ministério do Trabalho e Emprego, Paul Singer, que visitou o Banco Bem. Na entrevista, fornecida a repórter Brenda Shade, o economista mundialmente reconhecido declara que desde jovem é crítico do capitalismo. Em 1996, conheceu a Economia Solidária.

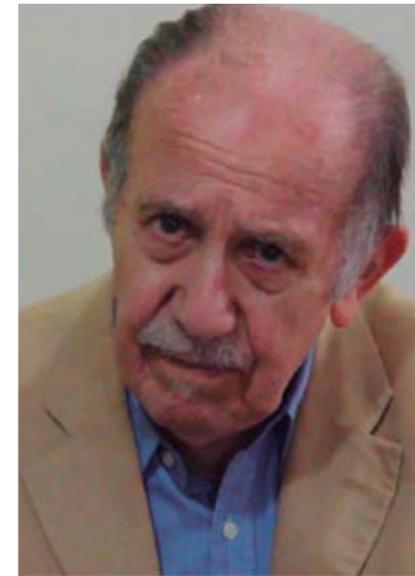
ENTREVISTA

Calango - Como explicar o que é Economia Solidária?

Singer: A Economia Solidária é uma forma de se organizar em grupos, em empreendimentos, que são de posse dos trabalhadores. Não tem assalariado e nem quem manda, porque todos os trabalhadores são iguais entre si. Pelas regras da Economia Solidária, as decisões são tomadas em assembleia e cada trabalhador tem direito a um voto, isso gera a igualdade entre todos associados.

Calango - Como o senhor contaria sua história com a Economia Solidária?

Singer: Desde jovem, me tornei socialista e muito crítico do capitalismo. Ao longo da vida, fiz parte de partidos políticos e fui sindicalista. Mas eu esbarrei na Economia Solidária em 1996, já com 64 anos. Em 1991, caí a União Soviética. Para os críticos do capitalismo, não havia naquele momento uma utopia conhecida que viria a seguir. Porque se as pessoas são críticas ao capitalismo, elas tem que dizer o que querem no lugar desse sistema, dessa economia. Foi pensando nisso que eu descobri através de um artigo, que escrevi para a Folha de São Paulo, que havia muitas tentativas nessa linha que eu estava imaginando. Ou seja, criar, paralelo ao capitalismo, uma economia totalmente diferente, democrática, igualitária. Enfim, essa



Secretário da SENAES, Paul Singer.

que já estamos praticando no Brasil e cada vez mais em outros países. Então, quando eu descobri que já havia grupos que trabalhavam nessa perspectiva, me liguei que essa seria uma alternativa.

Calango - Quais são as Políticas Públicas fundamentais para que a Economia Solidária possa desenvolver suas ações?

Singer: Há um aspecto educativo que só os governos podem garantir que é, sobretudo, que os jovens aprendam o que é Economia Solidária, que a Economia Solidária pode funcionar e que, portanto, é uma alternativa para eles. Além disso, é necessário dar um status jurídico aos empreendimentos de Economia Solidária, porque no momento eles não têm nenhum, são praticamente todos informais. Para que eles possam se formalizar, é preciso que os impostos diminuam. Existe no parlamento uma Frente Parlamentar Nacional em defesa da Economia Solidária. Ela é formada por deputados, que discutem as nossas demandas e o projeto de Lei da Economia Solidária.

Calango - Como a população do Território do Bem ou de qualquer outra comunidade pode fazer parte da Economia Solidária?

Singer: A população pode participar se organizando em empreendimentos de Economia Solidária. Isso também vai depender das oportunidades, das preferências e das ca-

pacidades das pessoas. Estamos aqui numa região em que a Economia Solidária (lembrando o trabalho do Banco Bem) é bastante forte. Então, é uma demonstração concreta de que isso é possível.

Calango - Quais são as conquistas da Economia Solidária até o momento?

Singer: De um lado, temos que comemorar o crescimento da Economia Solidária no Brasil. Por outro lado, uma boa parte dos empreendimentos abertos tem uma durabilidade pequena, de um a três anos, talvez não mais do que isso. Há pouco, eu fiz uma conferência e levantei essa questão. O que podemos fazer para superar e evitar essas vidas tão curtas dos grupos/empreendimentos? De fato há vários problemas, detectados nas respostas que as pessoas me deram naquele momento. O que me surpreendeu totalmente foi saber que uma das raízes da vida curta dos empreendimentos são brigas entre os membros. Uma companheira que estava presente explicou que em seu grupo havia frequentes brigas entre as associadas por divergência de opiniões. Depois das brigas, uma parte saía do grupo.

Calango - E quais seriam os caminhos para resolver esse problema?

Singer: Fiquei muito surpreso. Que haja brigas em coletivos, isso é normal. Até em famílias existem conflitos inevitáveis. Mas sempre acreditei que na Economia Solidária, até pelos princípios, há um valor muito grande no respeito aos outros. Você pode discordar de alguém, mas não vai dizer que essa pessoa é desprezível e que prefere que ela saia do grupo. Então, na troca de ideias durante a conferência, surgiu a ideia de ir às universidades, sobretudo nas incubadoras de cooperativas populares, e convocar especialistas em relações humanas como psicólogos e assistentes sociais. A ideia é entender as razões dessas divergências e buscar resolvê-las de forma que não prejudique o grupo. Então, só o fato de reconhecer que há um problema, uma coisa destrutiva para os grupos de Economia Solidária, já é positivo e fortalecedor para o movimento. Nós temos problemas não resolvidos, é óbvio, mas temos a sorte de discutir esses problemas abertamente e procurar soluções.



Projeto para jovens termina sem explicação

O programa, que orientava os jovens na escrita de projetos para a conquista de apoio financeiro por meio de editais, era modelo de política pública. Apesar disso, foi extinto pelo Governo do Estado, e os jovens reclamam que existem perguntas sem respostas.

Órion Leal

O Programa Rede Cultura Jovem (PRCJ) foi criado pela Secretaria Estadual de Cultura do Espírito Santo (Secult) em 2009 e funcionava por meio de uma Parceria Público Privada (PPP) entre a secretaria e o Instituto Sincadese com execução pela OSCIP Universidade para todos. A tarefa do programa era nobre: potencializar manifestações artístico-culturais, divulgar e fomentar expressões juvenis, orientando a elaboração e a execução de projetos de jovens, e garantir o apoio financeiro para

projetos de jovens por meio de editais. Em maio de 2013 tudo isso acabou, no mesmo ano em que aconteceu a aprovação do Estatuto da Juventude, o qual prevê direitos para jovens, entre 15 e 29 anos, como o desenvolvimento cultural e a participação nas decisões da política cultural.

ADESÃO DA JUVENTUDE

De acordo com Amanda Brommonschenk, jovem contemplada no Edital Bolsa Cultura Jovem no ano de 2001 e que foi posteriormente gestora de proje-

tos do PRCJ, “a primeira leva de editais em 2010 teve cerca de 40 contemplações. Em 2012, se eu não me engano, foram 75 contemplações”.

Amanda lamentou o fim do programa. Ela explicou que o Rede Cultura Jovem tinha duas plataformas. A primeira era responsável pela articulação, mobilização, editais e formação. A segunda era a plataforma da Comunicação, chamada Portal Yá, que dava suporte ao desenvolvimento dos projetos e tinha uma equipe para fazer a comunicação do PRCJ e auxiliar os jovens na comunicação dos próprios projetos.



APOIO FINANCEIRO FOI DECISIVO

Leticia Pimentel, jovem contemplada pelo PRCJ em 2012 no Edital Núcleo de Criação, contou sobre o seu projeto “Beco Limpo e em Cores”, que foi executado no Território do Bem em parceria com a Associação Ateliê de Ideias. “O projeto aconteceu no Beco do Chafariz, em São Benedito, Vitória. Foi um mutirão de intervenções no beco, com pintura das fachadas dos moradores e criação de jardins nos espaços livres. O benefício foi decisivo para que o projeto pudesse sair do papel e as ideias para melhoria do beco fossem de fato realizadas”, contou.

APOIO NA ELABORAÇÃO DOS PROJETOS

A jovem jornalista e escritora Isabella Mariano, contemplada no Edital Bolsa Cultura Jovem em 2013, disse que O PRCJ era importante justamente por fortalecer projetos da juventude, apoiar a elaboração dos projetos e acompanhar a sua execução. “Os projetos eram pequenas iniciativas que, com o tempo, se tornaram um referencial para muitos jovens”.

DIFICULDADES SEM O PROGRAMA

Stefan Marques, jovem administrador, contemplado no edital da Secult em 2013, afirma que sem o PRCJ teve dificuldades para encaixar as ideias de acordo com o que era pedido no Edital. “Tive que contar com o apoio de pessoas próximas para conseguir um bom desenvolvimento e ajustes finais na escrita”.

PEDIDO DE INFORMAÇÃO

O Gerente de Juventude do Governo do Estado e Presidente do Conselho Estadual de Juventude, Gustavo Badaró, informou que o Conselho já encaminhou à SECULT “uma solicitação de pedido de informação”. Segundo ele, o ofício com o pedido foi expedido em dezembro de 2013 e não teve resposta até o momento.

NOVOS EDITAIS

Enquanto isso, os novos editais para 2014 já foram publicados e podem ser acessados através do link: <http://www.secult.es.gov.br/>.

A SECULT fica localizada a Rua Luiz Gonzáles Alvarado, nº 51, Enseada do Suá, Vitória. Apesar dos editais publicados, no site não há qualquer oferta de ajuda ou assessoria para a escrita dos projetos pelos jovens.

Quais as perguntas que queremos fazer à Secult?

- 1-Por que o PCRJ terminou?
- 2-Quem pode explicar aos jovens o motivo? Quando isso vai ocorrer?
- 3-Se os dados do programa são públicos, por que não foram publicados no site do Governo? É possível disponibilizá-los?
- 4-A Gerência de Juventude poderia divulgar o mapeamento realizado pelo PCRJ? Quando e onde?

O outro lado

A produção do Jornal Calango fez contatos com a Assessoria de Imprensa da SECULT diversas vezes, mas foi informada que apenas o Secretário poderia responder às perguntas relativas ao assunto tratado aqui. No entanto, até o fechamento desta edição, não recebemos retorno sobre a data para a realização da entrevista. Também não encontramos no site dados oficiais referentes ao número de atendimentos, total de bolsas concedidas e informações sobre os projetos dos jovens realizados por meio do PRCJ.

MERCEARIA QUASE TUDO

TEMOS A MELHOR BANANA DA REGIÃO.

Aceita cartão e Bens,

Localizada na Tenente Setúbal São Benedito

Tel: 3317 0774

Também faz entregas pelas redondezas.

atendimento de 6:30 ÀS 19:30

ABERTOS TODOS OS DIAS DE Seg. à Seg



Foto: Brenda Shäde

Conquistadores de sonhos

Na inversão de uma lógica social vigente na vida de muitas pessoas que vivem em periferias, dois jovens moradores da nossa Comunidade contam aqui como conseguiram chegar ao ensino superior. Eles lutaram, e muito, para atingir aquilo que tanto desejavam e orgulhosos falam de suas trajetórias.

Professor, jornalista e mestrando em Educação, Cultura e Comunicação em Periferias Urbanas na UERJ, Tiago Pereira

Brenda Schäde

Tiago Alves Pereira, 28 anos, é jornalista e professor formado em Letras. Ele morou durante 27 anos no Bairro da Penha e agora reside no Rio de Janeiro. Tiago contou que, apesar de passar por dificuldades por ser negro e homossexual, ele não se abateu e continua correndo atrás de seus objetivos, agora vai concluir o mestrado.

ENTREVISTA

Calango - Qual a sua profissão e onde se formou?

Tiago: Sou Jornalista e Professor. Formei em Jornalismo na FAESA e em Letras no IESSES.

Calango - Como foi o caminho para você conseguir concluir suas graduações?

Tiago: Consegui as duas graduações com muita dificuldade. Sempre ajudei minha

mãe em casa na produção e entrega de encomendas de salgados.

Calango - Onde você mora atualmente?

Tiago: Moro em Santo Antônio, porém já estou me articulando para me mudar para o Rio de Janeiro. Em novembro de 2013 fui aprovado no programa de Mestrado da UERJ em Duque de Caxias - RJ.

Calango - Quais as principais conquistas?

É preciso não esmorecer e tentar todos os dias inverter essa lógica de discriminação.

Tiago: Trabalhei em lugares fantásticos, conheci pessoas mais fantásticas ainda. Gagnei um prêmio da Câmara Municipal de

Vitória, chamado "Comenda Chico Preggo", que é um prêmio dado a pessoas que tinham relevância dentro do cenário dos Direitos Humanos, em especial negros e negras.

Calango - Qual conselho você daria aos jovens de nossa comunidade?

Tiago: Lutem! O mundo vai tentar derrubar vocês a todo instante. Ao negro e ao pobre querem empunhar as vassouras, os esfregões. Podemos ir bem mais além, mas também depende de nós. É preciso não esmorecer e tentar todos os dias inverter essa lógica de discriminação. A caminhada não será fácil, mas quem é guerreiro sabe que a luta precisa ser concluída. Hoje vocês podem contar com mais instrumentos do Governo Federal que na minha época.

Calango - O que é sucesso para você?

Tiago: Sucesso pra mim é conseguir viver bem com as escolhas que fiz.

Fernanda Nunes Fernandes, 23 anos, é estudante de 6º ano do curso de Medicina. Moradora do Bairro da Penha, diz se sentir privilegiada por estudar Medicina, profissão que leva o profissional a lidar com pessoas em momentos muito delicados.

ENTREVISTA

Calango - Onde você estuda?

Fernanda: Estudo Medicina na Universidade Federal do Espírito Santo (UFES).

Calango - Por que você escolheu fazer a faculdade de Medicina?

Fernanda: Eu sempre tive na minha cabeça que eu iria fazer uma faculdade. Comecei a fazer o Projeto Universidade Para Todos (PUPT) do governo. Comecei o pré-vestibular, mas não sabia o que eu iria fazer. Mas aí eu fui estudando, indo muito bem nos simulados e uma professora minha me incentivou a tentar Medicina. Então eu comecei a acreditar na minha capacidade.

Calango - Como foi a sua preparação para o vestibular?

Fernanda: Quando eu estava no último ano do ensino médio, eu fazia também o Menor Aprendiz durante a tarde e o PUPT à noite. Quando chegou ao mês de abril de 2007, se não me engano, saí do estágio porque estava ficando sem tempo para estudar para o vestibular. E, a partir daí, comecei a fazer o PUPT à tarde e estudar em casa à noite. No ano seguinte, fiz mais um ano do pré-vestibular e no resto do meu tempo eu me dedicava estudando em casa.

Calango - O que você gostaria de deixar para as outras pessoas se inspirarem a também buscar alcançar esse sucesso?

Fernanda: Eu acho que as pessoas devem ter em mente o que elas querem, saber

aonde vocês querem chegar e que tipo de vida querem ter daqui para frente. O ensino superior abre várias portas para que você consiga uma qualidade de vida melhor, e mais tranquila, mas existem também as pessoas empreendedoras, que montam o seu próprio negócio e são felizes com aquele retorno. O que ambas têm que ter em comum é a dedicação, abrir mão de algumas coisas pra conseguir chegar aonde desejam.

Fernanda Nunes Fernandes, estudante de Medicina da UFES



Foto: Brenda Shäde



Invista no seu conhecimento

Os 50 primeiros moradores do Território do Bem (Jaburu, Bairro da Penha, Bonfim, Itararé, Consolação, Engenharia, São Benedito, Floresta) que recortarem e levarem este cupom ao CESV (Centro de Ensino Superior de Vitória) ganharão uma bolsa integral para um curso de 8 horas de "Extensão Universitária", com aulas sobre Finanças Pessoais, Direito do Consumidor, Atenção Básica à Saúde, entre outras. O curso acontece no dia 23 de agosto. Inscrições até o dia 22 de agosto de 2014. CESV: Rua Dr. Eurico de Aguiar, 1003, Santa Lucia, Vitória/ES. Contato: (27) 3041-0111

Projeto valoriza a laje que a gente tanto ama

A Varal Agência de Comunicação lança projeto que visa a valorização das lajes do Território do Bem como não apenas elemento estrutural das casas, mas espaço de cultura e divertimento.

Sheila Nogueira

O projeto e Ponto de Cultura Varal Agência de Comunicação lança ainda neste semestre, com patrocínio da Unimed Vitória, o projeto “A Gente Ama Laje”, que versa sobre um ambiente adequado para receber e promover pequenos eventos na laje da casa onde funciona a Varal.

Além de programação na própria laje, a ideia é divulgar e incentivar a ocupação cultural das lajes do Território. O projeto parte da constatação de que conseguir um lugar em comunidades para eventos, encontros e atividades culturais, é sempre um desafio. São muitas casas, poucos espaços, modelos de construção que às vezes espremem salas, portas e janelas, e sem falar das comunidades em encostas de morros, acidentes geográficos que oferecem desafios extras.

A Varal aposta que a saída está no alto, e que as lajes precisam ser reconhecidas e mais bem aproveitadas. “De hortas a aulas de yoga, é nas lajes que estão as oportunidades para criar agendas e abrir espaços a programações para quem mora e para quem quer subir o morro! Temos visto exemplos assim em vários lugares e isso nos anima”, lembra Geisiane Teixeira, coordenadora do Ponto de Cultura. Já é possível ver em cidades como Rio de Janeiro, São Paulo e Belo Horizonte exemplos de diferentes usos de lajes em comunidades. São restaurantes, cursos, concertos e uma diversificada programação que atrai moradores e visitantes

que procuram bons programas e novidades.

No Rio de Janeiro já são, há alguns anos, disputadas as festas de ano novo em lajes com vista para praias; em Belo Horizonte existe o Teatro da Laje, grupo que ensaia e faz apresentações de teatro nas lajes das casas onde moram seus integrantes.

Na comunidade do Chapéu-Mangueira, Zona Sul do Rio de Janeiro, o Conselho Empresarial Brasileiro para o Desenvolvimento Sustentável (CEBDS) criou em 2012 um projeto para criação de hortas orgânicas em lajes.

Dez moradores fizeram o curso e receberam assistência técnica para a criação de hortas, minhocários e composteiras (tecnologia que transforma lixo orgânico em adubo). Além do consumo familiar, vários moradores pensam em comercializar os produtos em feiras, alguns inclusive já vendem para clientes da região.

A laje da Varal vai ganhar projeto assinado pelo arquiteto Renan Grisoni, com madeiras reaproveitadas, cenário que poderá receber eventos culturais.



Sonhos Acontecem
sonhosacontecem.loja2.com.br

Cadernos Bottons Canecas Adesivos Camisas Graffiti

f **Giu Dias** www.flickr.com/true_till_death punks_no_poder@hotmail.com

TORNE-SE VISÍVEL!

ANUNCIE AQUI